



|                   |                                                                                                                                      |
|-------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO                                                                                                 |
| <b>Ano</b>        | 2013                                                                                                                                 |
| <b>Local</b>      | Porto Alegre - RS                                                                                                                    |
| <b>Título</b>     | Reflexão sobre a prática docente no PIBID - Educação Física na E.E. E.F. Padre Balduino Rambo                                        |
| <b>Autores</b>    | JACQUELINE ZILBERSTEIN<br>FLÁVIA FERNANDES CARDOSO<br>JULIANO LUIZ GOMES DA SILVA<br>ROBERTO MACHADO CARDOSO<br>SAULO LORENZI BREIER |
| <b>Orientador</b> | CLEZIO JOSE DOS SANTOS GONCALVES                                                                                                     |

Este projeto do Pibid de Educação Física é desenvolvido na E.E.E.F Padre Balduino Rambo, no contraturno, com duração de 1h30min, às quartas-feiras, com as séries finais do Ensino Fundamental, e é de caráter facultativo. Localizada no bairro Partenon, próxima à Vila Conceição, a escola atende alunos que em sua maioria são de baixa renda, sendo alguns moradores de abrigo, envolvidos com o tráfico e/ou com passagem pela FASE. A direção da escola é bastante ativa no que diz respeito à resolução de problemas, tanto de ordem sociais quanto organizacionais, e apoia fortemente o nosso trabalho. Temos cerca de 40 alunos que transitam pelo projeto, em média 15 alunos por aula.

O projeto tem como ideias centrais, aulas ministradas em grupos de cinco bolsistas e todos os seus momentos são registrados em vídeos. As aulas são planejadas e desenvolvidas na perspectiva de contemplar os indivíduos de forma integral, sem separar a questão de corpo e mente. A escola dispõe de uma quadra poliesportiva, um pátio gramado e um saguão coberto, porém esses espaços encontram-se em situação precária. Também há pouca diversidade de materiais, então, para desenvolver as atividades, usamos materiais alternativos ou de nossa propriedade.

As estratégias que utilizamos como trabalhar em grupos de cinco bolsistas, gravar as aulas com intuito de elaborar vídeos para futuros *feedbacks* aos alunos, visualizarmos a nossa postura como docentes, dar aulas no turno inverso com uma proposta diferente das aulas regulares e ter a professora da escola, da nossa disciplina, participando de nossas aulas, nos dá uma visão diferenciada da maneira de como dar uma aula e que acreditamos ser mais eficaz que as tradicionais, pois foge da visão mecanicista em que a educação se encontra e passa a abranger uma visão holística da mesma (CAPRA, 1995).

Só o fato de trabalharmos em grupo já faz toda a diferença. Conseguimos tornar a aula mais dinâmica, pois conseguimos aproveitar melhor o tempo já que enquanto um colega ministra determinada atividade, os outros estão em volta ajudando para que ela ocorra da melhor maneira possível, organizam o material para a próxima, filmam, se por algum motivo a atividade não estiver funcionando, os colegas opinam a fim de auxiliar no desenvolvimento da atividade e, além disso, trabalhar com pessoas diferentes, que têm posturas e modos diferentes de dar uma aula, já é por si só um aprendizado.

A outra parte estruturadora do projeto é o uso de tecnologias no espaço escolar auxiliando o desenvolvimento das aulas. Utilizamos os vídeos gravados durante todas as aulas para observarmos a evolução dos alunos em termos de performance motora, seus traços de personalidade e sua conduta em aula e, inclusive, para refletir sobre a prática docente, planejamento, metodologia e atividades propostas. Como a câmera não é presença estranha nas aulas, os alunos se comportam de forma natural, sendo autênticos e espontâneos, possibilitando uma análise muito real dos indivíduos. Além de perceber o que os alunos falam, conversam e reagem verbalmente durante a aula, o mais importante é entender o comportamento corporal deles.

Os vídeos possibilitam, além de uma avaliação completa, que nenhum detalhe da aula seja perdido, nenhum momento passe despercebido. Qualifica o trabalho desenvolvido, pois conhecemos a reação dos nossos alunos, sabemos como ele responde a diferentes estímulos, como ele lida com o seu corpo e também com o corpo do outro. Quando proporcionamos vivências corporais aos alunos, seja em atividades de expressão corporal ou de práticas corporais sistematizadas, esse “corpo” deixa de ser tabu ou algo desconhecido e inexplorado. Porque a partir do momento em que se conhece o próprio corpo, cria-se uma consciência de movimento e de sensibilidade corporal que é o objetivo de aprendizagem. A questão do corpo deixa de ser encarada como mero receptáculo da mente para fazer parte da vida experiencial com igual importância no processo pedagógico tanto para alunos quanto para professores (GONÇALVES, 2004). O outro viés de lidar com a tecnologia nas aulas, além de usar a favor do trabalho docente, é aproximar essa ferramenta tão presente na vida atual, na vida dos jovens, da realidade escolar. Usar essa familiarização das novas gerações com as tecnologias para a educação, para que os alunos aprendam a utilizar dessas ferramentas tão ricas para atividades de valor social. É um trabalho que ao mesmo tempo em que aproxima os alunos da escola fazendo uso de algo que é de interesse deles, usa esse recurso para a melhoria da educação e do processo de ensino-aprendizagem. Pela nossa experiência fica muito claro que a presença da câmera não incomoda ou perturba os alunos e está longe de provocar constrangimento, afinal, eles estão inseridos nesse processo de exposição da imagem a todo o tempo. As reações são de indiferença ao fato dos vídeos estarem sendo feitos até mesmo de grande gosto por isso.

As atividades sendo realizadas no contraturno nos dão o privilégio do caráter facultativo. Chamamos de privilégio porque os alunos que se dispuseram a ir eram alunos que queriam participar das aulas, fator que nem sempre acontece nas aulas que ocorrem no turno regular. Poucos tentavam se abster de algumas atividades por vergonha, por medo ou por não achar a atividade tão atraente, mas sempre que eram estimulados a participar eles integravam-se a prática. O tempo que nossos alunos estão no Pibid pode ser caracterizado como um ócio criativo, pois é um tempo livre que poderia estar sendo usado para o ócio somente, mas eles o utilizam com uma atividade prazerosa (DE MASI, 2010).

Acreditamos que o Pibid veio para combater a “dependência” que temos da tecnologia, tirando as pessoas de casa e mostrando a elas que ali também pode ser um local de socialização que por muitas vezes traz mais benefícios que ficar em casa falando com os demais pela internet, assistindo televisão, falando ao celular. Fora o objetivo “promoção da saúde”, exercemos a socialização também e este, para alguns alunos, é um dos

motivos que os leva a frequentar as aulas.

Não sabemos o real motivo de estes alunos frequentarem nossas aulas, mas estamos promovendo um bem à saúde deles fazendo com que tomem gosto pela atividade física e passem a praticá-la sem a obrigatoriedade, como aborda Domenico De Masi (1993) quando previa que o próximo salto do homem pós-industrial seria a conquista de um novo bem-estar.

O maior problema que nós enfrentamos no Pibid de Educação Física é a pressa em dar a aula. Devido a iniciarmos o projeto no segundo semestre de 2012, em setembro, e o Pibid de Português estar no mesmo dia que planejamos para o nosso Pibid (e ser o Pibid mais antigo nesta escola), tivemos uma redução do nosso horário de aula, já que tínhamos nos programado para um mínimo duas horas para trabalhar com nossos alunos e acabamos tendo apenas uma para não prejudicar os alunos que gostariam de participar dos dois projetos e nem criar uma “migração” de um para o outro. O Pibid de Português tinha o horário das 14h às 16h e com isso tivemos de adaptar nossas aulas ao período de 01h, das 16h às 17h, que acabava por ser ultracurto, mas bem aproveitado. No ano de 2013, o dia permaneceu o mesmo para ambos os projetos, mas o tempo de aula aumentou para 1h30min.

O fato de não tentarmos desempenhar a função de reforço das aulas de educação física fez a diferença para a adesão dos alunos. Perguntamos a eles ao início do projeto (a cada ano) quais são as modalidades esportivas que queiram que trabalhem as atividades expressivas, jogos e etc., a fim de proporcionar-lhes uma gama maior de repertório motor e conhecimento corporal. Como aborda BECKER (1994), sobre o construtivismo:

A ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do Indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento.

Este caráter de se poder opinar na construção dos conteúdos do projeto estimula a participação dos alunos.

Consciente da responsabilidade pedagógica em nossa prática, não podemos negligenciar os objetivos de nossas aulas, muito menos nos acomodarmos pelo envolvimento dos alunos com a prática de atividades físicas. Isso também é muito recorrente na área da educação física e é algo a nos distanciar cada vez mais. Os alunos necessitam compreender que a educação física na escola é uma disciplina como qualquer outra, de igual importância a tudo que é ensinado. Mas para os alunos entenderem e criarem consciência disso, os profissionais da área tem de desenvolver esse papel de esclarecer de forma cotidiana a sua finalidade e relevância no espaço escolar. Essa é uma questão de extrema importância para o desenvolvimento do nosso projeto, para que os alunos aprendam de fato os conteúdos da educação física e para que haja valorização da área. Embasando isso, GONÇALVES (2004, p. 52) é objetivo e claro nessa questão que aborda a identidade de educação física:

O problema acontece quando a corporeidade – que deveria significar uma ruptura epistemológica ao modelo mentalista de aprendizagem - é assimilado na prática escolar sem reflexões pertinentes aos desdobramentos nos sujeitos aprendentes. Não é acompanhada de análise teórica sobre as diferentes abordagens e implicações epistemológicas, tornando-se algo descontextualizado e destituído de sentido para aqueles envolvidos no processo. Favorece-se a sensação de “fazer por fazer” como uma atividade incluída na aula quando não se sabe mais o que trabalhar, típica da literatura de auto-ajuda. Talvez devido ao grau de ansiedade que professores experimentam na frente de uma turma de alunos, com anseios e desejos tão diferentes, inseguros para assumir um posicionamento fundamentado (seja pela sua formação) e pressionados pela responsabilidade do dever de agir (fazer algo seja o que for) procuram uma alternativa que lhes aponte um caminho. Como muitos destes autores apresentam receituário para determinadas situações, nada mais tranquilo do que aplicá-los no contexto da sala de aula. Presentes de forma fragmentada e descontextualizada na prática de muitos professores, se questionados sobre suas bases epistemológicas e respectivas implicações pedagógicas a resposta às vezes é lacônica “O importante é que eles (alunos) gostam”.

Em nossas aulas também temos como objetivo formar cidadãos e para tal enfatizamos questões atitudinais como solidariedade, respeito, cooperação e responsabilidade. Fazemos combinações com a turma desde o início do projeto sobre tais questões e estas serão o principal método utilizado para determinar a continuidade ou não deste aluno no projeto. Se os seres vivos constroem seus conhecimentos e a si mesmos ao longo da vida através de experiências e interação, como é tratado por Maturana e Varela (1995), acredito que estamos construindo seres humanos melhores, mesmo que com uma breve influência semanal. Segundo GONÇALVES (2004, p. 55):

Quando um professor coloca-se na frente de uma turma ele passa exercer uma tripla responsabilidade. Primeiro uma responsabilidade individual com o aluno. Desenvolver sua capacidade de aprender e conhecer através da interação com o meio, já que esta é uma característica filogenética de cada sujeito pertencente à espécie humana. Em segundo uma responsabilidade social. Trabalhar com o acesso ao conhecimento que possibilitou a

humanidade a construção da civilização desenvolvendo aos indivíduos uma capacidade de análise crítica e ética da mesma. Ao mesmo tempo estimular questionamentos para a potencialização na construção de novos saberes. Por fim uma responsabilidade pessoal. O processo de aprender não encerra-se num período formal de escolarização, mas prolonga-se por toda uma vida, onde alunos e professores revezam-se continuamente na condição de aprendentes. Renunciar esta tarefa é eximir-se da responsabilidade que a ação pedagógica implica na formação e sensibilização do futuro cidadão para o exercício de seu convívio social e das responsabilidades inerentes deste relacionar.

As vivências experimentadas por eles são o que os tornam o que são hoje. Muitos ali não conhecem a si próprio, não sabem das potencialidades e nem das dificuldades que possuem. Temos de levar em consideração que a realidade enfrentada por nossos alunos pode ser diferente da nossa e que isto os leva a terem atitudes consideradas inadequadas por nós. Segundo Freire e Shor (1986), temos que conhecer o vocabulário dos alunos para que assim possamos falar de acordo com a sua linguagem, encontrar exemplos e vocabulários para ensinar o que desejamos. O que precisamos é mostrar a eles outras formas de conhecimento, de comportamento, de resolução de problemas para que daí eles possam escolher a atitude certa a ser tomada. De acordo com Pires (2011, p.33):

O conhecimento e domínio de instrumentos expressivos como o corpo e a voz, numa dimensão educativa, bem como as competências adquiridas na relação com o outro e com o meio circundante, numa dimensão social, estimulam a comunicação, o envolvimento, a solidariedade, proporcionando a compreensão e o reconhecimento da diversidade social.

Como tivemos uma divulgação maior do Pibid de Educação Física na escola no ano de 2013, tivemos um aumento na procura e na frequência dos alunos. Isto fez com que novos alunos aparecessem e com eles novos desafios. Alguns grupos fortaleceram vínculos, novos tentam afirmar-se e a saída de algumas lideranças abre espaço para novas. Os alunos que já frequentavam o projeto no ano anterior não apresentaram maiores problemas em relação à metodologia e aos professores, mas alguns alunos novos sim, principalmente na relação com os professores.

Em nossas aulas a interação social é imprescindível e por isso o comportamento do professor se constitui ou serve de estímulo para o aluno (CUNHA, 1996; ULRICH, 1975 apud DARIDO, 2008). Sendo assim, a relação entre professor e aluno é caracterizada por envolver ações sociais que se orientam pelas ações dos outros, logo, as ações dos alunos são desencadeadas pelas ações dos professores (NASSAR, 1994, p. 26 apud DARIDO, 2008).

As metodologias utilizadas pelo professor para o processo de ensino-aprendizagem só surtirão efeito se os alunos participarem efetivamente, e isso só acontecerá se nós propusermos desafios, comparar, dirigir, atentar à diversidade dos alunos e diversificar essa metodologia quando necessário, devendo assim estabelecer uma relação direta com os alunos (ZABALA, 1998 apud DARIDO, 2008).

Segundo Resende (1994b) apud Darido (2008), a aula de Educação Física está repleta de conflitos que emergem da interação do aluno com o meio social e cultural da aula. Quando o professor não se encontra a par deste meio em que vivem seus alunos, tal interação pode ser conturbada, pois não há um meio de entendimento comum entre estes dois lados.

Para a resolução de conflitos a relação professor-aluno deve contemplar o diálogo, e o professor, como mediador, deve provocar um ambiente de reflexão, trocas e decisões superadoras das situações problemas (DARIDO, 2008).

O sucesso e o insucesso do processo ensino-aprendizagem depende da interação professor-aluno na sua prática pedagógica, tento em vista que ele é o principal fator motivacional na aula (DARIDO, 2008).

A participação ativa de nossa supervisora em nossas aulas é uma experiência maravilhosa para ela, para nós e para a turma. Por vezes, ela parece estar mais empolgada que os alunos para participar das aulas. Para os alunos foi um momento de aproximação com a sua professora, já que ela estava ali no papel de aluna, colaborando com eles e para nós foi algo antes inimaginável, já que ela participava realmente como aluna, nunca interferindo em nossos comandos, fazendo só intervenções pontuais a respeito da postura de alguns alunos. Por vezes, a diretora da escola também participou de nossas aulas. De acordo com Freire (1987, p.35):

Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador. Isto tudo exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes.

Enfim, apesar de sermos um curso novo no Pibid acreditamos que já tivemos aprendizagens e realizamos mudanças satisfatórias na escola em que atuamos, pois o aumento da procura e da frequência no ano de 2013, além das mudanças comportamentais e motoras de alguns alunos relatadas pela professora supervisora e a diretora da escola nos dá essa perspectiva de estarmos atingindo nossas metas como professores em formação através dos objetivos do projeto.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. A sociedade líquida. In: **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 19 de outubro de 2003.
- BECKER, Fernando. **O que é construtivismo?** Série Idéias n. 20. São Paulo: FDE, 1994. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_20\\_p087-093\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf)>. Acesso em 01/05/2013.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola: Implicações para a prática pedagógica**. RJ, Guanabara Koogan LTDA., 2008.
- DE MASI, Domenico. **Entrevista com Domenico De Masi**. Agosto/2010. Disponível em: <<http://www.mariopersona.com.br/domenico.html>, 2012>. Acesso em: 01/05/2013.
- DE MASI, Domenico. **Em busca do Ócio**. Veja: Reflexões para o futuro, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GONÇALVES, C.J.S. Corporeidade Humana: revisão do conceito. **Unimep**. Tese de doutorado. Piracicaba, 2004.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Editorial Psy II, 1995.
- PIRES, Carla. Diversidade Cultural e Manifestações Corporais. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1 (Supl.1), p.S3, jan / mar 2011.